

Apresentação

A tradução, tema tratado neste número 13 da *Gragoatá*, tem sido vista de formas muito diversas e, às vezes, conflitantes. Entre aqueles que lhe fazem sérias restrições, há os mais céticos, que acreditam que uma cultura é sempre impenetrável a outra, uma vez que, em cada uma delas, o mundo e as relações interpessoais são objeto de formas e modos de representação diferentes. Outros, menos radicais, reconhecem a validade do processo de tradução diante de certos tipos de textos apenas, destes excluindo a literatura, vista como um discurso caracterizado por um elevado grau de intraduzibilidade, notadamente a poesia. A despeito desses argumentos, é graças à laboriosa tarefa do tradutor que autores como Freud, Marx e a própria Bíblia puderam atravessar fronteiras e dar-se a conhecer ao mundo. Ademais é inegável o fato de que, nos dias de hoje, a transmissão de uma importante massa de conhecimentos é viabilizada pela tradução.

Assumindo a posição não apenas de tradutor profissional mas também de professor de tradução, o canadense Jean Delisle ressalta em seu artigo o interesse de se incluir no currículo dos cursos universitários de formação de tradutores a disciplina História da tradução. Para tanto lista as inúmeras funções que ela pode desempenhar. Como a tradução vem sendo praticada há milênios em condições muito variadas, tal disciplina tem o mérito de dar profundidade aos trabalhos teóricos contemporâneos. Com efeito, bom número de autores concordam em afirmar que toda reflexão séria sobre a tradução deve ser feita em uma perspectiva histórica.

Paulo Bezerra comenta aspectos do processo tradutório de textos de ficção, partindo de sua experiência de tradutor do russo para o português. Se toda tradução é a tradução possível, o ato de traduzir, particularmente textos de ficção, encerra certa dose de ilusão necessária, aproximando-se assim da arte, ambas produtos da criação, incompatíveis com a literalidade. Traduzir é aventurar-se pelo território do outro, explorando sua língua, sua cultura, seu estilo, e ganhar nesse processo a chance da reconstrução de si.

Com a proposta de fazer uma revisão das principais contribuições do modelo teórico dos *Descriptive Translation Studies* (DTS), desenvolvido em meados dos anos 70 por um grupo de estudiosos de Israel e dos Países Baixos preocupados com o estudo da literatura traduzida, Márcia Amaral Peixoto Martins aponta alguns problemas e lacunas teóricas que não foram satisfatoriamente resolvidos em posteriores refinamentos da teoria e destaca o risco de se incorrer num "descritivismo" puro e simples, desprovido de uma elaboração crítica, e a relativa despreocupação em explicitar os fundamentos epistemológicos da teoria e em (re)definir conceitos importantes.

Alba Olmi estuda a tradução literária através do exame de algumas

posições teóricas sobre suas competências, objetivos e funções. Questionando o caráter meramente reprodutivo que lhe foi atribuído no passado, destacando sua autonomia, evidenciando a visibilidade do tradutor como agente de mediação cultural, a autora chega à caracterização da tradução literária como questionadora do cânone ocidental num contexto pós-colonial.

Ao examinar a tradução de *The Runway Jury*, de John Grisham, Érika Nogueira de Andrade Stupiello observa que, apesar da expectativa de que as intervenções do tradutor não transparecessem nesse tipo de texto (*best seller*), o tradutor se faz presente em toda sua produção, o que confirma sua inevitável intervenção transformadora.

Solange Mittmann estuda a heterogeneidade da linguagem nas Notas de Tradutores vendo nestas o lugar de manifestação de uma inadequação relacionada ora à falta da expressão equivalente na língua de chegada ora ao excesso de significações observadas no deslizamento entre a língua original e a de chegada. O tradutor aparece nas Notas, fazendo ouvir sua voz, fazendo ver seu gesto, deixando de lado a invisibilidade pressuposta numa visão da tradução como operação em que a decisão, a interpretação, não são fundamentais: nas Notas, revelam-se as brechas e os deslizamentos da própria organização da língua.

Depois de explorar conceitos lingüísticos relevantes para uma discussão sobre a tradução (significado e valor, signo e referente, pensamento e linguagem), Fernando Afonso de Almeida procura enxergar o lugar da tradução enquanto prática discursiva. Para tanto, tomando como ponto de partida o conceito de intertextualidade, compara a tradução a discursos de ordem diversa (paródia, citação, resumo etc.) que, como ela, se sustentam em virtude da referência que fazem a outros textos.

Érica Lima observa no texto *Le facteur de la vérité*, de Jacques Derrida, a presença da língua do outro. Examina as chamadas "operações de tradução" – principalmente o enxerto – as quais a autora associa ao conceito de "hostipitalidade", de Derrida.

O título do texto de Maria Inês Coimbra Guedes, "Galland, autor das *As mil e uma noites*", ressalta por si só a função recriadora do tradutor. Ao reunir e traduzir os contos árabes para o francês, Antoine Galland fez, na verdade, muito mais do que traduzi-los. Segundo a autora, o sucesso dessa versão se deve sobretudo às características incorporadas quando de sua reescritura, que a adaptou perfeitamente ao gosto clássico e à episteme da época.

O artigo de Maria Clara Castellões de Oliveira oferece uma visão histórica das principais traduções da Bíblia para o latim, o grego, o inglês e o alemão. A autora entrecruza os fios da prática e da reflexão sobre a tradução ao abordar o pensamento de Franz Rosenzweig, tradutor com Martin Buber de textos bíblicos para o alemão, e mostra

como ele se alinha com Hölderlin, Goethe e Benjamin tradutores, marcando presença nas concepções pós-estruturalistas da linguagem e da literatura.

Numa perspectiva sociolingüística, Maristela Cury Sarian pensa a heterogeneidade da linguagem trazida pelo romance *The Color Purple*, manifesta na variação entre o inglês padrão e o BEV (*Black English Vernacular*), associada aos diferentes graus de escolaridade e letramento dos personagens. A autora analisa a maneira como *A Cor Púrpura* tenta construir essa heterogeneidade através dos usos dialetais brasileiros, com diferenças de ênfase (social e regional no Brasil, étnico-social nos Estados Unidos) que trazem implicações para as escolhas das tradutoras e para a reflexão sobre a tradução.

O artigo de Tânia Reis Cunha examina os processos da tradução, com o auxílio da Introspecção (verbalização e registro do pensamento ao longo da execução de uma tarefa). Na análise da tradução feita por alunos de francês língua estrangeira de um texto jornalístico do francês para o português, a autora propõe uma reflexão sobre a importância do componente discursivo da competência comunicativa do aluno-tradutor, evidenciado em sua compreensão da tradução como processo de entendimento global do texto estrangeiro.

Investigando o processo tradutório em textos técnicos e jornalísticos, Diva Cardoso de Camargo utiliza como critério o grau de distanciamento existente entre texto-fonte e texto-alvo para verificar os procedimentos mais recorrentes (tradução literal, modulação, transposição) nessas duas modalidades de textos.

Depois de distinguir tradução *stricto sensu* e tradução *lato sensu*, Eliane Fernanda Cunha Ferreira sublinha a importância de trabalhos desses dois tipos de tradução na carreira literária de Machado de Assis e na formação da identidade cultural da nação brasileira.

Os artigos que compõem a revista trazem, portanto, contribuições para a reflexão sobre o tema emitidas de diferentes perspectivas, compondo um painel dos múltiplos valores e sentidos que pode assumir o processo da tradução.

Fernando Afonso de Almeida

Paula Glenadel Leal

(Organizadores)